



CONTOS INFANTIS

Inês Ferreira nº13

Maria Mercês nº 18

12ºJ

Índice

A princesa das ervilhas.....	III
A que sabe a lua?.....	4
Adivinha o quanto gosto de ti.....	6
Amigas bailarinas.....	8
As amoras.....	10
A árvore.....	XI
Assim o amor.....	XV
A princesa que não gostava de sopa.....	16
Aventura perigosa.....	18
Bonecos de neve generosos.....	XIX
Bons modos à mesa.....	XXI
A borboleta violeta.....	22
A bruxa e o caldeirão.....	24
Cadelas Malandras.....	XXVII
O caracol e a borboleta.....	28
Um Carnaval diferente.....	30
Carolina e os castelos.....	32
A casa de madeira.....	34
O cavaleiro branco.....	XXXV
Estou zangado.....	40

Índice de ilustrações

Figura 1-Princesa

Figura 2-lua

Figura 3-corações

Figura 4-bailarinas

Figura 5-amoras

Figura 6-árvore

Figura 7-amor

Figura 8-sopa

Figura 9-cabra

Figura 10-bonecos de neve

Figura 11-família à mesa

Figura 12-borboleta

Figura 13-bruxa

Figura 14-cadelas

Figura 15-borboleta e caracol

Figura 16-carnaval

Figura 17-castelos

Figura 18-casa de madeira

Figura 19-cavalo de carrossel

Figura 20-cavalo branco

Figura 21-olhos zangados

Índice de ilustrações

Os cinco contos mais conhecidos

Os cinco contos mais antigos

A princesa das ervilhas

Era uma vez, no tempo em que os animais falavam, uma princesa que adorava ervilhas. Todos os dias, pedia para comer um prato de ervilhas: estufadas, cozidas, ou em puré...tanto fazia.

— Come, querida! Dizia a rainha, feliz por ver a sua filha comer as leguminosas com tanto prazer. Afinal, era comida saudável.

Mas, um dia, as ervilhas acabaram.

— Mãe, não há ervilhas? Queria mesmo ervilhas.

— Ó, querida, já não é tempo delas, mas vou chamar o agricultor do reino para ver o que podemos fazer.

Apareceu o jardineiro e explicou que já não havia ervilhas fresquinhas porque se plantam ervilhas no início da Primavera; de preferência no final das geadas de Inverno. Era a melhor altura para conseguir vagens e ervilhas saborosas e saudáveis.

— É o primeiro ano que não temos ervilhas nesta altura. Onde está o agricultor?

— Está de férias, Majestade. E eu nunca tratei de as ervilhas.

A rainha pensou por um bocado.

— Façam uma estufa! Neste reino, não faltarão ervilhas. – declarou a rainha, com altivez.

— Sim, Majestade!

E em três tempos, fez-se a estufa. Mesmo assim, as ervilhas não prestavam, cresciam pouco; mirradas ou pequeninas.

As ervilhas do reino não eram, definitivamente, saborosas.

A princesa, muito despachada, resolveu investigar o mistério. Foi atrás do jardineiro e logo percebeu qual era o problema. Na estufa, o jardineiro tirava as ervas e regava as plantas, mas sempre de mau humor. Ele resmungava a toda a hora porque não gostava de ervilhas.

— Onde é que já se viu uma estufa só para ervilhas? Estas bolas sem sabor, horrorosas. Blec!

A princesa saiu, de mansinho, e foi contar à mãe o que viu.

— Mamã, penso que posso resolver o problema.

— Ai sim? Mas como?

— O que falta às minhas ervilhas é atenção e amor. Elas precisam e alguém que goste delas como eu. A partir de amanhã, vou eu tratar da estufa. E assim foi.

A partir desse dia, a princesa levantava-se cedo e, antes das aulas, ia regar e tirar as ervas às suas plantinhas. Falava com elas e contava-lhes peripécias dos seus dias. E o que é certo, é que as ervilhas começaram a crescer, a crescer... grandes, redondinhas, carnudas e bem verdinhas. E quando foram para o prato?

Huum, deliciosas!

As ervilheiras produziam tanto, que começaram a distribuir as ervilhas pelos habitantes do reino. E eram tão saborosas, que todos queriam mais para fazer deliciosos pratos e até, sobremesas.

A partir daí, mais agricultores foram contratados para semear as ervilhas e mais estufas foram construídas. As ervilhas reproduziam-se e cresciam tanto que passaram a ser vendidas, também, para outros reinos e o país começou a ser conhecido como o país das melhores ervilhas do mundo.

Todos queriam saber qual o segredo para se ter aquelas ervilhas especiais e quando diziam: “muito amor”, as pessoas ficavam perplexas e não entendiam nada.

Assim, o segredo ficou guardado para sempre naquele reino que, graças à Princesa das Ervilhas, se tornou rico e próspero.

E todos viveram felizes por muito, muito tempo, comendo ervilhas saudáveis e nutritivas.



Figura 1-Princesa

A que Sabe a Lua?

Há muito tempo que os animais desejavam averiguar a que sabia a lua.

Era doce ou salgada?

Só queriam provar um pedacinho. À noite, olhavam ansiosos para o céu. Esticavam-se e estendiam os pescoços, as pernas e os braços, tentando atingi-la. Mas era tudo em vão, e nem o maior dos animais era capaz de tocá-la.

Um belo dia, a pequena tartaruga decidiu escalar a montanha mais elevada para poder chegar à lua.

Vista lá de cima, a lua estava mais próxima, mas a tartaruga ainda não podia tocá-la. Então chamou o elefante.

Sobe para as minhas costas, talvez cheguemos à lua.

A lua pensou que se tratava de um jogo e, à medida que o elefante se ia aproximando, afastou-se um pouco. Como o elefante não pôde tocar a lua, chamou a girafa.

Se subires para as minhas costas, melhor a alcançaremos. Mas ao ver a girafa, a lua distanciou-se um pouco mais. A girafa esticou, esticou o pescoço quanto pôde, mas não serviu de nada. E chamou a zebra. Se subires para as minhas costas, é provável que nos aproximemos dela.

A lua começava a divertir-se com aquele jogo e afastou-se outro pedacinho. Também a Zebra não conseguiu tocar a lua e chamou o leão.

Se subires para as minhas costas talvez possamos alcançá-la. Mas quando a lua viu o leão, tornou a subir um pouco mais. Também desta vez não conseguiu tocar a lua, e chamaram o raposa.

Verás que conseguimos, se subires para as minhas costas – disse o leão.

Ao ver a raposa, a lua afastou-se mais um pedacinho. Agora só faltava um pouquinho de nada para tocar a lua, mas esta desvanecia-se cada vez mais. E a raposa chamou o macaco.

De certo, desta vez conseguimos. Anda, sobe para as minhas costas! A lua viu o macaco e retrocedeu uma vez mais. O macaco já podia cheirar a lua, mas tocá-la, nem pensar! E chamou o rato.

Sobe para as minhas costas e tocaremos a lua. A lua viu o rato e pensou:

– Um animal tão pequeno, certamente não poderá alcançar-me. E como já começava a aborrecer-se com aquele jogo a lua ficou onde estava.

Então o rato passou trepando por cima da tartaruga, do elefante, da girafa, da zebra, do leão, da raposa, do macaco e...

e uma dentada só, arrancou um pequeno pedaço da lua.

Saboreou, satisfeito, e depois foi dando migalhas do pedacinho ao macaco, à raposa, ao leão, à zebra, à girafa, ao elefante e à tartaruga.

E a lua soube-lhes exatamente àquilo que cada um deles mais gostava.

Nessa noite, os animais dormiram muito juntos.

O peixe que tinha visto tudo sem entender nada, disse:

– Esta é boa! Tanto esforço para chegar à lua, lá em cima no céu, tão longe...

Acaso não veem que aqui na água há outra tão perto?



Figura 2-lua

Adivinha o quanto gosto de ti

Era hora de ir para a cama e o coelhinho agarrou-se firme às longas orelhas do coelho pai.

Ele queria ter certeza de que o coelho pai o estava a ouvir.

– Adivinhas o quanto eu gosto de ti? – disse ele.

– Ah, acho que não consigo adivinhar isso – respondeu o coelho pai.

– Gosto assim – disse o coelhinho esticando os seus bracinhos o máximo que conseguia.

Só que o coelho pai tinha os braços mais compridos. E disse:

– Mas... eu gosto de ti assim!

Humm, é muito, pensou o coelhinho.

Eu queria ter os braços assim compridos.

– Eu gosto de ti toda a minha altura – disse o coelhinho.

– E eu gosto de ti toda a minha altura – disse o coelho pai.

É mesmo alto, pensou o coelhinho. Então, teve uma boa ideia.

Fez o pino encostado ao tronco, muito esticadinho.

– Gosto de ti até à ponta dos pés!

– E eu gosto de ti até à ponta dos teus pés – disse o coelho pai agarrando nele e fazendo-o girar por cima da cabeça.

– Gosto de ti até onde eu consigo saltar! – riu-se o coelhinho, dando pulos e mais pulos.

– Mas eu gosto de ti até onde eu consigo saltar – sorriu o coelho pai, saltando tão alto que até as orelhas tocaram no ramo da árvore.

Isto é que é saltar – pensou o coelhinho – quem me dera saltar assim.

– Gosto de ti o caminho todo até ao rio – gritou o coelhinho.

– E eu gosto de ti até depois do rio e dos montes – disse o coelho pai.

É mesmo longe – pensou o coelhinho. Tinha tanto sono que já não conseguia pensar mais. Então olhou para além das copas das árvores, para a grande noite escura. Nada podia ser mais longe do que o céu.

– Gosto de ti até à Lua – disse ele, fechando os olhos.

– Ora, isso é mesmo longe! – disse o coelho pai.

Deitou o coelhinho na sua cama de folhas, inclinou-se e deu-lhe um beijo de boa noite.

Depois, deitou-se ao lado do filho e murmurou sorrindo:

– E eu gosto de ti até à Lua... e de volta até cá abaixo.



Figura 3-corações

Amigas bailarinas

A Luísa, a Ana e a Rita são três amigas que adoram dançar.

Todos os dias, depois das aulas, se juntam para treinar passos de dança. Dançavam na sala, no jardim e até no parque. Os pais, percebendo o seu interesse, inscreveram as meninas nas aulas de ballet.

A Luísa e a Ana ficaram felizes e ansiosas pela primeira aula mas a Rita não parecia entusiasmada.

– O que tens? - perguntaram as amigas.

– Oh, eu tenho vergonha! Não sei se consigo dançar à frente das outras pessoas. - Disse a Rita muito envergonhada, de cabeça baixa.

– Mas danças connosco todos os dias.

– É diferente, sabem? Sinto-me à vontade porque são minhas amigas. - Explicou ela.

– Nós vamos contigo! Vá lá! Vais ver que consegues. Tu adoras dançar. - Disse a Luísa.

– Claro, vamos as três. Tens que tentar perder essa vergonha. Danças tão bem.

A Rita não disse mais nada e foi para casa a pensar no que iria fazer. Ela adorava dançar mas era mais fácil quando estava sozinha ou com as amigas apenas.

No dia de ballet, as três amigas apareceram na aula e a Rita sentia-se muito nervosa.

A Ana e a Luísa, aperceberam-se e sussurraram:

– Lembra-te: dança como se estivéssemos só nós!

A aula começou, entretanto. A professora ligou o rádio e a música começou a tocar. A Rita deixou-se levar pela melodia e esqueceu toda a vergonha, mexendo-se com ritmo e seguindo as ordens da professora.

Quando, finalmente, a aula acabou a Rita tinha perdido todo o seu complexo e sentia-se mais feliz do que nunca.

– Estou ansiosa pela próxima aula. - disse ela às amigas.



Figura 4-bailarinas

As Amoras

O meu país sabe as amoras bravas

no verão.

Ninguém ignora que não é grande,

nem inteligente, nem elegante o meu país,

mas tem esta voz doce

de quem acorda cedo para cantar nas silvas.

Raramente falei do meu país, talvez

nem goste dele, mas quando um amigo

me traz amoras bravas

os seus muros parecem-me brancos

reparo que também no meu país o céu é azul.



Figura 5-amoras

A árvore

Era uma vez – em tempos muito antigos, no arquipélago do Japão – uma árvore enorme que crescia numa ilha muito pequenina.

Os japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores, arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho.

Assim, o povo dessa ilha sentia-se feliz e orgulhoso por possuir uma árvore tão grande e tão bela: é que em nenhuma outra ilha do Japão, nem nas maiores, existia outra árvore igual. Até os viajantes que por ali passavam diziam que mesmo na Coreia e na China nunca tinham visto uma árvore tão alta, com a copa tão frondosa e bem formada.

E, nas tardes de Verão, as pessoas vinham sentar-se debaixo da larga sombra e admiravam a grossura rugosa e bela do tronco, maravilhavam-se com a leve frescura da sombra, o suspirar da brisa entre as folhagens perfumadas.

Assim foi durante várias gerações.

Mas, com o passar do tempo, surgiu um problema terrível, e por mais que todos meditassem e discutissem, ninguém era capaz de arranjar uma boa solução.

Porque, ao longo dos anos, a árvore tinha crescido tanto, os seus ramos tinham-se tornado tão compridos, a sua folhagem tão espessa e a sua copa tão larga que, durante o dia, metade da ilha ficava sempre à sombra.

De maneira que metade das casas, das ruas, das hortas e dos jardins nunca apanhava sol.

E, na metade ensombrada, as casas estavam a ficar húmidas, as ruas tinham-se tornado tristes, as hortas já não davam legumes, os jardins já não davam flor. E a gente que ali morava andava sempre pálida e constipada.

E, à medida que a sombra da árvore crescia, crescia também a perturbação.

As pessoas gemiam:

— Que havemos de fazer? Que havemos de fazer?

Até que foi decidido a população reunir-se toda em conselho para examinar bem o problema e decidir o remédio que devia dar-lhe. Discutiram durante muitos dias e, depois de todos terem falado, chegou-se à triste conclusão de que era preciso cortar a árvore. Houve choros, lamentações, gemidos.

A árvore era bela, antiga e venerável. Fazê-la desaparecer era um ato que não só entristecia os habitantes da ilha mas que também os assustava.

Mas não havia outro remédio e quase todos acabaram por concordar com o corte. No lugar onde antes ela se erguia, plantaram um pequeno bosque de cerejeiras, pois as cerejeiras nunca crescem muito.

Abater a árvore foi difícil e toda a gente teve de ajudar.

Mas, depois de cortada, ela ocupava tanto espaço que a ilha ficou quase sem lugar para mais nada. Por isso começaram a desfazê-la: primeiro cortaram os ramos e as pernadas e a sua madeira foi distribuída entre todos, para que cada um pudesse fabricar alguma coisa que lhe lembrasse a árvore tão amada. Alguns fabricaram pequenas mesas, outros, varandas para as suas casas, outros, caixilhos para os biombos, outros, caixas, tabuleiros, tigelas, colheres, pentes e ganchos para as mulheres espetarem no cabelo. No fim ficou só o enorme e grosso tronco nu, deitado através da ilha. Então começaram a chegar viajantes e armadores que queriam aquela ótima madeira para fabricar barcos.

Mas a população não quis. Reuniram todos outra vez em conselho e decretaram:

— Os habitantes desta ilha não querem separar-se da sua árvore que, antes de crescer demais, lhes deu tanta alegria. Vamos nós próprios construir o nosso barco. E assim foi. Depois da chuva do Outono, deixaram o tronco secar durante longos meses e, logo que viram que a madeira já estava bem seca, meteram mãos à obra.

E, como são um povo muito inteligente, os japoneses, que trabalham muito bem, muito depressa, com muito esmero e são ótimos carpinteiros, construíram rapidamente uma grande e linda barca toda esculpida e pintada de muitas cores.

Então houve uma grande festa e a barca foi lançada ao mar. À noite houve fogo de vista e em todas as ruas e praças se acenderam balões de papel, azuis, amarelos e vermelhos.

Assim, durante muitos anos, a vida naquela ilha correu com muita alegria e animação.

Mas apesar dessa alegria, apesar dos bons negócios e dos grandes passeios, todos se lembravam com saudade da velha árvore.— Como era alta e bela! — diziam. — Como a sua sombra era perfumada!— Como era doce e leve o sussurrar da brisa nas suas folhas!— Como a sua copa era redonda e bem formada!

— Como as suas folhas eram verdes e bem desenhadas!

— Como era tão suave a frescura debaixo dos seus ramos, nas manhãs de Verão! E, assim, entre palavras e pensamentos, a árvore nunca era esquecida.

E os anos foram passando. Até que os marinheiros e os calafates descobriram que estava a acontecer uma grande desgraça: A madeira da quilha da grande barca tinha começado a apodrecer.

— Ai de nós! — choravam os habitantes. — Não vamos dar mais passeios pelo mar. Nas noites de lua cheia, não vamos visitar mais as outras ilhas, não vamos fazer mais negócios. Mas os comerciantes sossegaram-nos.

— Durante estes anos — disseram eles — graças à nossa grande barca, andámos a navegar de ilha em ilha, de porto em porto, a comprar e a vender, e fizemos negócios tão bons que juntamos muito dinheiro. Por isso, como aqui não há outra árvore enorme, e as árvores que agora temos fazem muita falta se forem cortadas, estamos dispostos a ir às outras ilhas comprar boa madeira. E todos juntos podemos construir outra grande barca. A população aplaudiu o discurso e concordou com o projeto e daí a poucos meses a barca nova ficou pronta e logo a puseram a flutuar.



Figura 6-árvore

Então, a barca velha foi arrastada para a praia. O povo cercou-a em silêncio com grande tristeza, e os carpinteiros e os calafates examinaram-na tábuas por tábuas. A madeira do casco, do convés e dos bancos estava quase toda semi-apodrecida e só servia para queimar. Mas o mastro grande, que tinha sido tirado do cerne da velha árvore, continuava são e bem conservado.— Temos que fazer com este mastro alguma coisa que nos lembre a nossa árvore antiga e a nossa barca — disse o chefe da ilha.

Depois de muito pensar resolveram fazer uma biwa, que é uma espécie de guitarra japonesa. Quando a obra ficou pronta, a população reuniu-se na praça principal e sentaram-se em silêncio em redor do melhor músico da ilha para

ouvirem o som da biwa. Mas, mal os dedos do músico fizeram soar as cordas, de dentro da biwa ergueu-se uma voz que cantou:

A árvore antiga

Que cantou na brisa

Tornou-se cantiga.

Então, todos compreenderam que a memória da árvore nunca mais se perderia, nunca mais deixaria de os proteger, porque os poemas passam de geração em geração e são fiéis ao seu povo.

Assim o Amor

Espantado meu olhar com teus cabelos

Espantado meu olhar com teus cavalos

E grandes praias fluídas avenidas

Tardes que oscilam demoradas

E um confuso rumor de obscuras vidas

E o tempo sentado no limiar dos campos

Com seu fuso sua faca e seus novelos

Em vão busquei eterna luz precisa



Figura 7-amor

A princesa que não gostava de sopa

Era uma vez uma menina que adorava ser princesa. Era a Mariana.

Todos os dias usava um vestido de princesa, rodado, de tule ou folhos: ora um amarelo, um azul ou cor de rosa - a sua cor preferida. Colocava a sua coroa e os seus sapatinhos de tacão e demorava muuuuuuito tempo a olhar-se ao espelho. Era a sua brincadeira preferida.

– Eu sou uma princesa! - dizia ela a toda a gente, muito simpática e sorridente.

Todos lhe achavam piada e sorriam. Era vaidosa mas também muito meiga, amiga de todos os meninos e tratava muito bem os animais.

O problema, o grande problema era a hora da refeição. É que ela não gostava nada da sopa. Mal a mãe colocava o prato de sopa à sua frente, ela esquecia-se de ser uma princesa e desatava a fazer birras. Não comia porque a sopa estava quente; não comia porque a sopa estava fria ou porque estava verde ou porque estava castanha. Enfim, tudo servia de desculpa para não comer a sopa.

E os pais? Não gostavam nada daquelas birras. Já não sabiam o que fazer: ora lhe davam a sopa porque pensavam que ela só queria um pouco mais de atenção; ora ralhavam com ela e mandavam-na comer com um tom de voz mais alto – às vezes passava uma eternidade até a sopa estar comida. Outros, falavam-lhe da importância de comer legumes, de como a sopa é o prato ideal para comer uma porção de legumes por dia. Até já pensavam em castigos, se as birras continuassem. Era demais. Não conseguiam ter um jantar sossegados. Ora, então, um dia, no meio daquelas birras, os pais disseram:

— Bem, não queres sopa, não comas.

A princesa Mariana, ficou a olhar muito admirada, sem querer acreditar.

— “Os pais vão mesmo deixar-me sem comer a sopa?”- pensou ela.

Então, a Mariana pôs o prato de sopa de lado e começou a comer o peixe. Olhou para os pais, impávidos e serenos, também a jantar e continuou. “Afinal, não preciso mesmo de comer sopa”- pensou ela, feliz.

Durante uns dias, assim foi. À hora da refeição, a sopa lá estava à espera. Ela comia duas colheradas e quando começava a dizer que não queria comer a sopa, os pais assentiam e deixavam-na pôr a sopa de lado.



Figura 8-sopa

Até que, três dias depois, inesperadamente, a Mariana viu a sopa na mesa e comeu-a toda. Não admitiu, mas sentia saudades de comer uma sopa quentinha.

E a partir desse dia, começou a comer sopa sem fazer aquelas birras tão feias. Claro que, por vezes, demorava mais ou dizia

que não lhe apetecia, como qualquer menina. Mas agora, agora era uma princesa de verdade.

Aventura perigosa

Bibi era uma cabrinha muito simpática, mas era também muito decidida e aventureira.

Queria conhecer outros lugares, outras terras.

Seus pais não concordavam com essa ideia. Para eles, o mundo fora do prado era muito perigoso para uma pequena cabrinha.

Contudo, Bibi não deu ouvidos aos conselhos dos seus pais e partiu à aventura.

De pulo em pulo, Bibi andou por muitos lugares, conheceu muitos animais. Até que chegou a uma praia e ali ficou, na areia, admirando a imensidão do mar.

Entretanto, chegou um grupo de jovens que tentaram agarrá-la . Bibi ficou assustada, tentou fugir mas não conseguiu. Foi agarrada e levada para uma cerca onde se apercebeu que ia ser “cabrito assado”.

Aflita, lamentou-se: porque não obedeci aos meus pais? Agora vou morrer tão nova. É o preço que pagamos por sermos desobedientes.

Calou-se por momentos e decidiu: a minha vida não pode acabar assim. Tenho de fazer alguma coisa. Depois de muito pensar, teve uma ideia: fingir-se de morta.

Assim fez e, de manhã, quando os homens iam buscar para a matar, viram-na estendida no chão, sem sinais de vida. Viraram costas e foram-se embora deixando a porta aberta.



Figura 9-cabra

Bibi esperou que desaparecessem e fugiu só parando no prado onde fora criada e vivera com os pais

Bonecos de neve generosos

O inverno tinha chegado frio e chuvoso mas, a pouco e pouco, a chuva parou e a neve apareceu. A aldeia ficou toda branquinha e crianças e adultos divertiam-se a fazer bonecos de neve.

Ao fim do dia os bonecos eram tantos e tão perfeitos que até parecia que os habitantes se tinham multiplicado e esperavam ansiosamente pela noite da consoada. O que eles não sabiam era que o Pai Natal estava bastante doente

e a Mãe Natal andava à procura de alguém que o substituísse. Ao ver aqueles bonecos de neve tão originais apareceu-lhes e disse-lhes:

– Bonecos de neve, se eu vos der vida vós entregais todas as prendas de natal? O Pai Natal está doente e as crianças não podem deixar de acreditar nele. Será que sois capazes de cumprir esta tarefa tão importante?

– Claro que somos, Mãe Natal. Explica-nos então o que temos de fazer para dar alegria a esses meninos.



Figura 10-bonecos de neve

A Mãe Natal indicou-lhes o itinerário, que prendas teriam de levar e como as iam distribuir. Os bonecos ouviram com atenção e tomaram nota de tudo. Eles não queriam enganar-se.

Mais tarde, carregados com enormes sacos começaram a distribuição mas surgiu-lhes uma grande dificuldade. Conforme se aproximavam das casas começavam a derreter. Aflitos chamaram a Mãe Natal. Expuseram-lhe o problema e ela pegou numa poção, deu-lhes a beber e num abrir e fechar de olhos transformaram-se em humanos.

-Já está. Podeis continuar a vossa missão. – disse-lhes ela.

E desta maneira, os bonecos de neve fizeram todo o trabalho que o Pai Natal costumava fazer e ninguém se apercebeu da sua falta. As crianças receberam os seus presentes e o Pai Natal continua a ser uma figura muito querida e esperada nesta época.

Bons modos à mesa

Em casa ou no restaurante,
numa qualquer refeição,
usa bem os talheres
e não comas com a mão.

E evita a algazarra
que por vezes lá se instala
não sobrepondo o ruído
ao prazer que dá a fala.

E presta bem atenção
a uma coisa elementar:
começa só a comer
quando o mais velho começar.

Há coisas que nos distinguem
do reino dos animais
e uma boa educação
nunca há de estar a mais.

Deseja bom apetite
a quem te faz companhia,
que essa frase é um convite
para que reine a harmonia.

Ser educado à mesa
não é questão de estatuto;
não se educa com riqueza
a criança ou o adulto.



Figura 11-família à mesa

A borboleta violeta

Vivia numa floresta muito grande, uma borboleta violeta muito, muito bonita. O seu corpo era todo violeta e nas suas asinhas podiam ver-se alguns pontinhos negros. Esta borboleta era muito especial e sabia muito bem disso.

Sempre que abria as suas asas ao vento e voava, voava, as outras borboletas paravam para admirá-la. Sentia-se muito vaidosa, por ser tão admirada pela sua beleza. Porém como ninguém é perfeito, a borboleta violeta era muito muito apressada.

Estava sempre voando de um lado para outro, mesmo que não tivesse nada para fazer. Os seus amigos diziam-lhe para ela ter mais cuidado, porém ela era mesmo uma borboleta apressada. Certo dia resolveu voar para muito longe.

Ah, dizia: – Estou cansada de ficar só nesta floresta.

Assim pensou e partiu em direção à cidade. Chegando lá, viu uma enorme casa toda iluminada. Não conhecia nada, pois nunca havia visto uma casa. Imediatamente foi atraída pelas luzes das vidraças. Lá foi ela em direção à janela que não estava aberta, era uma grande vidraça.

Pum!!... E ficou “esborrachado” no vidro da janela!

As suas asinhas ficaram coladas e ela não conseguia libertar-se! Meu Deus que vou fazer, pensava a borboleta violeta. Foi quando resolveu respirar mais devagar e pensar calmamente para ver o que iria fazer. Não fiques assustada, pensava.

Olhando para dentro da casa viu um grupo de crianças sentadas no chão, num imenso tapete redondo. Ora, que estariam a fazer ali?

Brincando, naturalmente... De repente um dos meninos levantou-se e saiu a correr da sala. Não corras!! Disse uma senhora que estava também sentada na sala. Num segundo, o menino estava esticado no chão tal como a borboleta na vidraça...

Que pressa, para quê tanta pressa? Dizia a senhora ajudando o menino a levantar-se. Tens de aprender a fazer as coisas mais devagar, não há necessidade de ir a correr, para ser o primeiro a chegar...

Tudo isso é pressa a mais!. Às vezes sei que precisamos de nos apressar, mas não é preciso que seja sempre assim. Limpou a ferida do joelho do menino que voltou a sentar-se com os amiguinhos, bem mais calmo agora.

E eu?? Pensava a borboleta, que faço? Quem me ajuda? Foi quando finalmente, pensou em ficar quietinha e aí então, as asinhas começaram a soltar-se do vidro. Mesmo assim esperou mais um bocadinho, até que percebeu que podia soltar o corpo todo.

Recomposta, voo rapidamente em direção à floresta e acho que aprenderam a lição, tanto ela como o menino. É já dizia a minha avó, quem tem pressa, perde a testa!



Figura 12-borboleta

A Bruxa e o Caldeirão

Quando preparava uma sopa com uns olhinhos de couve para o jantar, a bruxa constatou que o caldeirão estava furado. Não era muito, não senhor. Um furo pequeníssimo, quase invisível. Mas era o suficiente para, pinga que pinga, ir vertendo os líquidos e ir apagando o fogo. Nunca tal lhe tinha sucedido.

Foi consultar o livro de feitiços, adquirido no tempo em que andara a tirar o curso superior de bruxaria por correspondência, folheou-o de ponta a ponta, confirmou no índice e nada encontrou sobre a forma de resolver o caso. Que

haveria de fazer? Uma bruxa sem caldeirão era como padeiro sem forno. De que forma poderia ela agora preparar as horríveis poções?

Para as coisas mais corriqueiras tinha a reserva dos frascos. Mas se lhe aparecia um daqueles casos em que era necessário preparar na hora uma mistela? Como o da filha de um aldeão que engolira uma nuvem e foi preciso fazer um vomitório especial com trovisco, rosmaninho, três dentes de alho, uma semente de abóbora seca, uma asa de morcego e cinco aparas de unhas de gato. Se a moça vomitou a nuvem? Pois não haveria de vomitar? Com a potência do remédio, além da nuvem, vomitou uma grande chuvada de granizo que furou os telhados das casas em redor.

Era muito aborrecido aquele furo no caldeirão. Nem a sopa do dia-a-dia podia cozinhar. Mantinha-se a pão e água, que remédio, enquanto não encontrasse uma forma de resolver o caso. Matutou dias seguidos no assunto e começou a desconfiar se o mercador que lhe vendera o caldeirão na feira há muitos anos atrás a não teria enganado com material de segunda categoria. A ela, bruxa inexperiente e a dar os primeiros passos nas artes mágicas, podia facilmente ter-lhe dado um caldeirão com defeito.

Decidiu então ir à próxima feira e levar o caldeirão ao mercador. Procurando na secção das vendas de apetrechos de cozinha, a bruxa verificou que o mercador já não era o mesmo. Era neto do outro e, claro, não se lembrava – nem podia – das tropelias comerciais do seu falecido avô. Ficou desapontada. Perguntou-lhe, todavia, o que podia fazer com o caldeirão furado. O mercador mirou-o, remirou-o, sopesou-o com ambas as mãos e disse:

– Este está bom é para você pôr ao pé da porta a fazer de vaso. Com uns pés de sardinheiras ficava bem bonito. A bruxa irritou-se com a sugestão e, não fosse a gente toda ali na feira a comprar e a vender, transformava-o em onagro. Acabou por dizer:

– A solução parece boa, sim senhor. Mas diga-me cá: Se ponho o caldeirão a fazer de vaso, onde cozinho eu depois?

– Neste novo que aqui tenho e com um preço muito em conta... A bruxa olhou para o caldeirão que o mercador lhe apontava, sobressaindo num monte de muitos outros, de um brilhante avermelhado, mesmo a pedir que o levassem. A bruxa, que tinha os seus brios de mulher, ficou encantada.



Figura 13-bruxa

O mercador aproveitou a ocasião para tecer os maiores elogios ao

artigo, gabando a dureza e a grossura do cobre, os rendilhados da barriga, o feitio da asa em meia lua, a capacidade e o peso, tão leve como um bom caldeirão podia ser, fácil de carregar para qualquer lado.

– Pois bem, levo-o. O mercador esfregou as mãos de contente.

– Mas aviso-o – acrescentou a bruxa. – Se lhe acontecer o mesmo que ao outro, pode ter a certeza de que o transformarei em sapo. O mercador riu-se do disparate enquanto embrulhava o artigo.

Os anos foram passando e a bruxa continuou no seu labor. Até que um dia deu por um furo no novo e agora velho caldeirão. Rogou uma praga tamanha que o neto do segundo mercador que lho vendera, a essa hora, em vez de estar a comer o caldo na mesa com a família, estava num charco a apanhar moscas.

Cadelas Malandras

Num belo dia de verão nasceram duas cadelinhas numa quinta cheia de animais. Havia galinhas, patos, ovelhas, cavalos, gatos e cães, claro.

Todos os animais ficaram entusiasmados com a novidade. Os cães eram muito apreciados entre eles e por isso fizeram uma festa.

A mamã cadelinha, a Boneca, estava felicíssima.

As duas cadelinhas cresceram depressa e rapidamente começaram a fazer asneiras. Roíam os sapatos dos donos, corriam atrás dos gatos, faziam buracos no jardim e ladravam, ladravam muito.

Os donos gostavam muito delas mas começaram a perder a paciência.



Figura 14-cadelas

— Toca a reunir! Co ro co có! - Cantou o Galo.

E todos os animais se juntaram ao fim da tarde para discutirem o problema.

— Já não aguento mais estas duas cadelas a puxarem-me o rabo. - queixou-se a ovelha Mimi.

E eu não consigo fazer fazer a sesta ao sol como tanto gosto. - Replicou o gato Óscar.

A mamã Boneca suspirou.

— São duas cadelinhas cheias de energia mas não são maldosas. Só querem brincar. Não sei o que fazer.

— Temos que fazer alguma coisa senão os nossos donos vão mandá-las para outra casa.- Disse o Cão Bruno, preocupado.

— E se todos ajudarmos? Se olharmos todos por elas pode ser que não façam tantas asneira.

E assim foi. Todos juntos conseguiram que as cadelinhas fizessem menos estragos e tornaram-se duas belas cadelas.

O Caracol e a Borboleta

Conhecem os caracóis? São animais muito engraçados que andam com a casa às costas.

Esta é a história de uma caracol que gostava muito de viajar. Chama-se Teodoro, o nosso caracol. Como sabem, os caracóis andam muito devagar e o Teodoro não é diferente. Mas mesmo lentamente, ele ia onde queria: com muita paciência e determinação o Teodoro percorria o país à procura da sua princesa caracoleta.

Sim, é mesmo isso. O Teodoro era um romântico e sonhava em conhecer a Caracoleta que roubaria o seu coração. Já andava nesta procura há uns dois anos mas estava difícil de conhecer a princesa certa. Ora, conhecia uma caracoleta do mar e ele detestava areia ou conhecia uma caracoleta muito viscosa... Todas muito simpáticas mas o seu coração não batia depressa.

Um dia, estava ele a preparar-se para fazer mais uma viagem de meses quando apareceu uma borboleta, que pousou na sua carapaça.

— Ei, o que estás a fazer? - perguntou ele, desconfiado.

A Borboleta Lira, assustou-se.

— Ai, desculpe! Pensei que era uma pedra e pousei para descansar um bocadinho.

— Uma pedra? Sinto-me ofendido! A minha carapaça é bem mais bonita que uma pedra qualquer.

A Borboleta Lira, levantou voo e pôs-se mesmo à frente do caracol. Observou-o bem e depois disse:

— Tem razão, senhor caracol. Peço desculpa. A sua carapaça é linda, com esse tom dourado e pintalgado de azul. Nunca vi um caracol com tamanha beleza.

O Teodoro ficou muito corado, o coraçãozinho acelerado, e sem saber bem o que dizer, começou a gaguejar.

— Ah. o-o-obri-gaa-da. Nunca me tinha feito um elogio assim. E po-podes chamar-me Teodoro.

— E eu sou a Lira. Muito prazer.

— Então, diz-me, ó Borboletazinha, o que andavas a fazer para estares tão cansada e me confundires com uma pedra?

A Lira, sorrindo, explicou:

— Vim de bem longe, à procura das flores certas pois adoro esvoaçar e pousar nas flores mais belas e perfumadas.

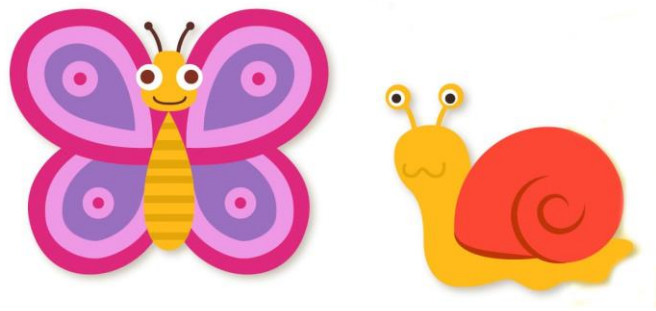


Figura 15-borboleta e caracol

Quando me apercebi, já estava longe de casa e precisava descansar um pouco. E tu, que fazes?

— Bem, eu ando a viajar por todo o país à procura da companheira certa. Sinto-me sozinho e gostava de ter uma amiga para partilhar as minhas viagens.

O Teodoro estava cheio de vontade de pedir à sua nova amiga para lhe fazer companhia. Sentia que ela podia ser mesmo a sua princesa. Ficou muito vermelho, encheu-se de coragem e perguntou:

— Gostavas de vir comigo? Juntos podíamos conhecer sítios novos e jardins cheios de flores perfumadas.

A Borboleta, esvoaçou de contente e disse: — Oh, que bom. Claro que sim, Gostava muito de ir contigo mas com uma condição. Tens que me deixar pousar na tua carapaça quando me sentir cansada.

— Combinado. Partimos hoje de tarde?

E os dois amigos foram em direção à aventura. E tu, quando fores passear pelos campos ou pelos jardim, está atento. Quem sabe não os encontras por aí.

Um Carnaval diferente

- Que chatice! - Falei para o meu gato, aborrecido.

Já tinha escolhido um convite dos tantos que recebi, e esta horrível constipação não me deixa sair de casa. Olho tristemente a janela do meu quarto, sentindo uma grande desilusão dentro de mim.

- Mas que é isto? Que barulheira! Ah, São os vizinhos do andar do lado que vão dar uma festa.

-

Sinto curiosidade e vou espreitar à janela. Através dos vidros vejo várias pessoas a dançar e todos mascarados. Uns de coelho, outra de palhaço, Batman, polícias e vários príncipes e princesas. Que beleza de colorido! Consigo ainda descobrir alguns músicos de máscara. Lá dentro reina a animação, atiram-se serpentinas, ri-se e dança-se.

Alguém me vê à janela e acena. Eu faço o mesmo.

- Estar de pijama também conta como disfarce, certo Bigodes? – pergunto ao meu garo. Mas ele nem me liga. Dou uma gargalhada.

Dentro de mim também se vive aquela festa e até já nem estou tão triste por estar doente!



Figura 16-carnaval

Carolina e os castelos

A Carolina chegou a casa da escola muito pensativa e calada. A mãe, que a conhece bem, estranhou aquele comportamento.

– Está tudo bem, Carolina?

– Sim, mãe! Mas queria pedir-te uma coisa.

– Sim, querida?

– Podemos ir visitar um castelo este fim de semana?

– Um castelo? Queres ir visitar um castelo? Qualquer um? Ou tens algum castelo que queiras muito conhecer?

A menina tirou da mochila o livro de Estudo do meio e abriu-o numa página.



Figura 17-castelos

– Vês este? Castelo de Almourol. Gostava muito de o conhecer porque tenho que fazer uma pesquisa sobre este castelo, onde se localiza e se há alguma lenda relacionada com ele.

– Ah, o Castelo de Almourol? Bem escolhido. Também gosto desse castelo, já o visitei há uns anos. E sabes? Gostei da tua ideia. Vamos organizar as coisas

para podemos ir este sábado visitar o Castelo de Almourol e assim a tua pesquisa vai ser mais realista. Até podemos tirar fotografias.

– Eia, boa! – A menina ficou delirante. Nem queria acreditar que a mãe lhe ia fazer a vontade. Ela adorava ler histórias sobre castelos e estava ansiosa por esta oportunidade.

– Carolina? Vem cá. – Chamou a mãe.

– Onde pensas que vais? Vamos já pesquisar na internet onde fica o Castelo e o tempo de viagem. Olha, fica no distrito de Santarém, na freguesia de Praia do Ribatejo. E é especial porque fica situado numa pequena ilha no rio Tejo e para lá ir temos que atravessar de barco.

– A sério? Que bom! O passeio vai ser mais espetacular do que eu pensava. Oh, ó mãe, temos que fazer um lanche e fazemos um piquenique mais tarde.

– Já tinha pensado nisso. Agora, vai lá pesquisando mais factos interessantes sobre o Castelo. Olha, por exemplo, as lendas. Sei que há uma sobre D. Ramiro. Tens um livro sobre Lendas no escritório e vais encontrar o que precisas de certeza.

A menina foi logo buscar o livro sobre Lendas de Portugal e sentou-se a ler.

– Mãe, este livro é maravilhosos! E tem fotografias de muitos Castelos que ainda não visitamos. Depois podemos ir visitar o Castelo de Arraiolos? Parece diferente dos outros.

– Esse fica um pouco mais longe mas quem sabe nas férias grandes podemos lá ir. Entretanto, podes ver outros mais perto para irmos num outro fim de semana.

A menina assentiu, sorrindo.

la ser um fim de semana fantástico!

A casa de madeira

Pelo Outono, a rata Alina ouvira dizer que o seu bom velho amigo, o texugo Norberto, morava agora numa casa algures na montanha. Há muito tempo que Alina não via Norberto. Nos últimos dias, desde que a neve começara a cair, Alina pensava muito nele, na sua agradável voz resmungona, na sua presença calorosa e reconfortante e na sua grande coleção de livros, que ele muitas vezes lhe lera.

“A casa do Norberto, lá na montanha, de certeza que agora tem luz, é quente e confortável”, pensou a ratinha, e naquele momento a sua toca começou a parecer-lhe apertada e abafada. No dia seguinte, tomou uma decisão:

— Vou ter com o Norberto! Não sei ao certo onde mora, mas não deve ser assim tão difícil de encontrar.

Alina calçou as botas quentes de ratinha, vestiu um casaco grosso de lã e pôs-se a caminho. Foi subindo a montanha, cada vez mais para cima, pela neve funda. Por pouco não dava com a casa do texugo! A noite já estava a chegar e ela ainda à procura do caminho através do bosque. E, para mais, começara a cair um nevão! Mas a ratinha não era medrosa.

“Se não encontrar hoje a casa do texugo, cavo um buraco fundo na neve”, pensou ela, “e assim não fico gelada...”



Figura 18-casa de madeira

Mas, por fim, lá acabou por encontrar o caminho para fora do bosque, e viu à sua frente, num declive, a casa do texugo!

Era de madeira. Nas janelas brilhava uma luz amarela e quente e, da chaminé alta, saía um longo rasto de fumo que balançava ao vento.

Alina juntou as últimas forças e correu em direção à casa. Claro que o texugo se alegrou imenso com a sua chegada. E ambos passaram um Inverno maravilhoso e confortável na casa de madeira, longe de tudo, lendo e conversando...

O cavaleiro Branco

Era uma vez um cavaleiro branco. Mas não era todo branco o cavaleiro branco. Tinha estrelas azuis, muitas estrelas azuis espalhadas por todo o corpo e uma estrela maior no lugar do coração. Era um cavaleiro branco às estrelas azuis.

*Roda, roda, roda

na grande roda o cavaleiro.

Roda, roda, roda

Corpo de estrelas, flor no focinho.*

Não seria bem uma flor, mas quase. Parecia mesmo uma flor. Só um cavaleiro especial, um cavaleiro raro, pode assim mostrar uma flor no focinho e tantas estrelas azuis pelo corpo todo.



Figura 19-cavaleiro de carrossel

Este era um cavaleiro especial, um cavaleiro de carrossel.

Não andava contente com a sua vida, o

cavalinho branco às estrelas azuis. Aquilo de ter de fingir que trotava, sempre à roda, sempre à roda, aborrecia-o. O barulho da música gritada pelos altifalantes e as vozes dos homens que apregoavam farturas e as luzes que baloiçavam dos fios e tremiam, tremiam, e o carrossel, dia e noite, a rodar, a rodar, mais uma volta e mais outra e outra — uf! — punham a cabeça do cavalinho branco também às voltas.

— Não aguento mais estas tonturas — dizia o cavalinho branco. — Vou mudar de vida.

E mudou.

Correu pelos campos, saltou valados, chapinhou nos regueiros e bebeu a água fresca das fontes. Bem bom.

Mas um cavalinho branco às estrelas azuis, para mais em liberdade, acaba por dar nas vistas. Foi o que lhe sucedeu.

Um senhor de grande bigodes retorcidos, botas de montar e chapéu alto, como já ninguém usa, viu-o, uma vez, e gritou-lhe de longe:

— Eh, cavalinho, queres um torrão de açúcar?

Ele queria e veio buscá-lo. Então o senhor que usava botas de montar fez-lhe uma festa no pescoço e disse:

— Anda comigo que, mais logo, quando chegarmos ao circo eu dou-te o açúcar...

Lá foram, o cavalinho num trote curto de cavalinho bem disposto e o senhor de bigodes retorcidos a retorcê-los ainda mais, muito sisudo.

Quando chegaram ao circo, o senhor dos bigodes meteu o cavalinho numa espécie de jaula e disse-lhe assim:

— Logo, quando terminar o espetáculo, se tudo correr bem, dou-te o torrão de açúcar.

Um dos números mais aplaudidos do espetáculo era o do ilustre cavaleiro Arnaldo de Aguinaldo e os seus cavalos amestrados. Os cavalos emplumados e de arreios dourados trotavam à volta da pista, saltavam ao arco, dançavam ao som de uma valsa e ficavam muito quietos, como se fossem estátuas, quando o ilustre cavaleiro Arnaldo de Aguinaldo fazia estalar o chicote, de certa maneira. Eram, aqui fica dito, cavalos muito bem mandados.

Nessa noite, havia um número novo, um cavalinho engraçado, que o domador Arnaldo de Aguinaldo esperava que viria a ser a “estrela” mais brilhante da companhia. E com razão, pois então! Sim, porque não fazia sentido que um cavalinho branco, com o corpo coberto de estrelas, não fosse a “estrela” maior da companhia...

Dava gosto vê-lo, ao cavalinho, a trotar à roda, à roda, sempre à roda da pista, e o senhor cavaleiro Arnaldo de Aguinaldo no meio, de braços abertos, com o chicote numa das mãos e o chapéu alto na outra, como se quisesse dizer: “Admirem, excelentíssimos senhores, as maravilhas que eu tenho para mostrar. Isto vale ou não vale o preço de um bilhete?”

*Roda, roda, roda

roda que roda num redemoinho

roda, roda, roda

finge que voa o cavalinho.*

Pois fingia, realmente, mas não voava. Que triste sina esta a do cavalo branco às estrelas azuis. Não bastavam as voltas que tinha dado, e tantas, no carrossel?

Noites e noites rodou, trotou, dançou na pista do circo... Até que um dia se fartou.

— Chega — disse o cavalinho e pôs-se a andar de ali para fora.

Nem o torrão de açúcar, sempre prometido, sempre adiado, foi reclamar. Dali não levava nada.

Voltou a correr pelos campos, a saltar valados, a chapinhar nos regueiros... Que bom!

Mas, ao que dizem, o que é bom não dura sempre... Um dia, um lavrador que o vira saltar para dentro da herdade, correu atrás dele e, com algum custo, prendeu-o a uma nora. Mas primeiro tomou o cuidado de lhe tapar os olhos com uma venda.

— Por causa das tonturas — explicou ele.



Figura 20-cavalo branco

Isso que fazia? Tanto já o cavalinho tinha andado à roda, que se tinha curado das tonturas. Do que não gostava era de andar sempre a pisar o mesmo caminho. Não haveria outro emprego para um cavalo branco com estrelas azuis?

*Roda, roda, roda

na giga-joga o cavalinho

roda, roda, roda

e sempre à roda mói o caminho.*

Talvez fosse possível arranjar outra profissão mais agradável. Qual seria? Deu voltas e voltas e decidiu desempregar-se mais uma vez, sem dar contas a ninguém. Libertou-se da nora, nem sabemos como, e tomou por uma estrada que a algum sítio devia levar.

Pelo mesmo caminho ia um cavalo castanho a puxar uma carroça.

“E se eu fosse também um cavalo de carroça?”, pensou o cavalinho branco às estrelas azuis.

Olhou para o cavalo castanho e viu-o tão triste e tão atormentado pelas moscas, que desistiu.

Em sentido contrário vinha um esquadrão de cavalaria da Guarda Republicana. Que lindos cavalos e que imponentes cavaleiros! “E se eu fosse atrás deles?”, lembrou-se o cavalinho.

Mas o suor escorria do pescoço dos cavalos. Era de tanto terem galopado. E — reparou ainda o cavalinho — as estrelas de metal que os cavaleiros traziam nas botas deixavam um rasto sangrento na barriga dos cavalos. Chamavam àquilo as esporas...

“Ah, sendo assim já não vou”, decidiu o cavalinho branco às estrelas azuis.

Continuou o seu caminho. Foi ter a uma cidade e a um grande largo onde um cavalo de bronze reluzia à luz do sol.

O cavalinho, ao vê-lo, exclamou:

— Ora aqui está um emprego que me calhava. Ninguém nos incomoda e, uma vez por outra, até nos tiram um retraio.

Respondeu-lhe, de cima do seu pedestal, o cavalo de bronze:

— Nem penses nisso. Estou aqui à chuva e ao sol, todo o tempo, e com uma pata no ar, sempre na mesma posição, a fingir que ando, mas não ando, e tu ainda achas que o emprego é bom!? Sonha com outra coisa, mas nunca queiras ser estátua. Então que havia ele de ser? Sim, que modo de vida podia convir a um cavalinho branco às estrelas azuis?

Deu voltas à cidade, deu voltas à cabeça e, por fim, mirando a montra de uma casa de brinquedos, descobriu a sua vocação — iria ser cavalo de brincar.

Postou-se à porta, ao lado dos cavalos de pasta e dos cavalos de madeira e esperou que alguém o quisesse levar. Não esperou muito.

O cavalinho branco às estrelas azuis anda agora nas suas sete quintas. É, agora, cavalo de baloiço, cavalo de balancé... Emprego melhor não conhece. Finge que é cavalo de carrossel, cavalo de carroça, cavalo da Guarda, cavalo de circo, mas é apenas um brinquedo nas mãos de um menino. Bem bom.

Estou zangado

Quando estou zangado sinto-me como... um vulcão que vai entrar em erupção, uma panela que vai deitar para fora...um touro à solta numa loja de loiças.

Quando estou zangado sinto-me como... um rinoceronte enfurecido, ou um balão prestes a rebentar, ou até como uma bomba a explodir!

Quando estou zangado bato o pé... Mas isso não me faz grande bem.



Figura 21-olhos zangados

Atiro os brinquedos pelo ar... mas fico aborrecido se alguma coisa se parte.

Quando estou zangado com o meu irmão digo-lhe que NUNCA mais lhe falo... mas acabo sempre por lhe perdoar.

Quando estou zangado com a minha amiga chamo-lhe nomes e digo que não brinco com ela mas depois arrependo-me sempre.

Há muitas coisas que fazem as pessoas ficarem zangadas. Quando a Mãe está cansada depois de um dia cansativo no emprego e nós estamos a fazer muito barulho... ela fica mesmo zangada!

Quando a minha irmã está a tentar montar as peças de um modelo e tudo lhe corre mal... ela fica zangada.

Quando o meu amigo João ouve um ralhete por causa de uma coisa que não fez... ele fica zangado.

Mas às vezes eu faço coisas que levam os outros a ficarem zangados.

Se eu me portar mal à mesa.

Se eu for egoísta e não partilhar os meus brinquedos.

Se eu fizer fitas quando perco jogos, ou se fizer troça dos outros quando não conseguem fazer uma coisa.

A minha professora fica zangada se eu me portar mal na escola... e copiar quando não sei as respostas.

Toda a gente às vezes fica zangada. Mas quando eu sinto que estou a ficar zangado... ajuda a passar se eu contar até dez antes de falar.

Ajuda a passar se eu correr até estar cansado ou se der um grande pontapé numa bola.

Ajuda a passar se eu tentar acalmar-me. Às vezes conto os meus problemas ao cão; ele parece que os percebe.

E se tentar pensar numa coisa boa, muitas vezes esqueço-me de por que é que estava zangado.

O nosso bebé pequenino não consegue dizer por que é que está zangado, mas nós podemos falar do que sentimos. Pedir desculpa é uma boa maneira de começar.

E tu, o que fazes quando te zangas?

1º	“O Patinho Feio
2º	“Pinóquio”
3º	“A Branca de Neve e os sete anões”
4º	“A Cigarra e a Formiga”
5º	“Os três Porquinhos”

Figura 22-Os cinco contos mais conhecidos

1º	“Romeu e Julieta”	1591
2º	“A Lebre e a Tartaruga”	1975
3º	“Cachinhos Dourados e os três Ursos”	1991
4º	“Adivinha o quanto eu gosto de ti”	1994
5º	“A Princesa e a Ervilha”	2001

Figura 23-Os cinco contos mais antigos

Webgrafia

Mágico, L. (25 de Outubro de 2020). *Histórias Infantis*. Obtido de <https://www.lapismagico.com/historias-infantis/>: <https://www.lapismagico.com/historias-infantis/>

tree. (s.d.). fundo paisagem.

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpt.pngtree.com%2Ffreebackground%2Fscenic-landscape-landscape-artwork-cartoon-design_3641313.html&psig=AOvVaw1LZj8wXszjMJ_9Hb8lj4Ay&ust=1710094838982000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBQQjhxqFwoTCP. tree, portugal.